

BIRRA X AGRESSIVIDADE: VISÃO DOS EDUCADORES INFANTIS SOBRE O FENÔMENO

Mayara Pérola Maciel dos Santos¹; Fernanda Nogueira da Silva²; Pompéia Villachan- Lyra³

Email: mayaraperolam@gmail.com¹; feh.nogueira@hotmail.com²; pompeiovillachan@gmail.com³.

Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; Universidade Federal Rural de Pernambuco

Falar sobre agressividade no tempo da infância embora pareça uma temática simples, faz-se imprescindível principalmente no que diz respeito, a vivência em creches ou escolas. As pessoas costumam associar a agressividade, a birra com atos de possível violência. Com o objetivo geral de, entender a visão dos educadores da educação infantil sobre o fenômeno da agressividade, é que este artigo se propõe. Sob o aporte teórico de Wallon e Winnicott, visamos dialogar com os autores sobre este fenômeno tão comum no período da infância e que mobiliza muito os educadores, pois interrogam-se, como lidar? Pautando-se no paradigma qualitativo, descritivo e exploratório, apresentamos um relato de experiência realizado numa creche no município de Paulista. Fez-se o uso de entrevistas semiestruturadas com os educadores, e o recurso da videografia devidamente autorizados pela direção da instituição, com a finalidade de observar à relação educador x aluno, em situações de birra ou de agressividade infantil. Mediante os resultados obtidos, faz-se importantes capacitações e formação continuada para os educadores infantis, visto que explicitaram tanto na fala, quanto nas ações, a dificuldade no lidar com tais demandas das crianças.

Palavras-chave: Infância; Agressividade; Birra; Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Ao abordar a temática da agressividade no tempo da infância, muitas questões vêm à tona, entre elas a visão negativa sobre o fenômeno. Ao se problematizar o tema, associações como agressividade e violência são feitas. Com o objetivo geral de: entender a visão dos educadores da educação infantil sobre o fenômeno da agressividade, é que este artigo se propõe. Sob o aporte teórico de *Wallon*, estudioso e referência no que diz respeito à teoria sócio-histórica, e de *Winnicott*, psicanalista que estudou por vários anos a agressividade, os objetivos específicos são: Conceituar o período da infância sob o aporte teórico da psicanálise; Estudar o fenômeno da agressividade e da birra na infância e suas diferenças; Refletir a práticas e a importância da capacitação dos educadores, para lidar com o fenômeno.

A justificativa de falar sobre a temática, vem das observações na relação educador x aluno, no lidar com a agressividade ou birra. Com a proposta de se discutir sobre o tema, embora pareça simples, os educadores no cotidiano são confrontados a lidar com a situação, e quando há déficit no que diz respeito à formação ou capacitação, tanto a criança quanto o educador, vivenciam um nível de desgaste e estresse intenso, o que acaba por repetir as vivências que os pais, fazem ou não com as crianças em casa. Torna-se um campeonato de gritos e de desespero, principalmente do educador que fica muitas vezes sem saber o que fazer com a criança naquele momento.

Nosso artigo baseia-se em um relato de experiência, que consiste na observação e entrevista em uma Creche do município do Paulista com a proposta de verificar como os educadores da educação infantil compreendem o fenômeno da birra e da agressividade na primeira infância. Foi tratada na pesquisa apenas crianças de 3 a 5 anos, em referência a teoria de *Wallon* e *Winnicott* que tratam da temática como um aspecto do desenvolvimento. A pesquisa foi realizada nos dias, 4 e 5 de julho de 2018, com carga horária de 7h. Ao todo, foram entrevistados 3 professores e 2 auxiliares de sala e tiveram registro de vídeos 4 salas, divididas em 2 grupos IV e 2 grupos III.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia escolhida para a compreensão e o levantamento das informações, foi eleita a pesquisa de cunho qualitativo, descritivo e também exploratório, pois fornecem ao pesquisador, uma gama maior de observar, descrever, explorar e esclarecer aspectos do fenômeno a ser observado. Em relação à técnica para a coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, pois tratam de questões abertas e fechadas sobre a lógica relacional que neste caso, perpassa a relação educador e criança. Utilizando-se do recurso da videografia, para uma análise mais detalhada da relação criança-educador e a análise de dados pautada nas bibliografias utilizadas neste artigo (DYNIEWICZ, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise das imagens selecionadas em vídeo no campo de observação foram utilizados os teóricos Wallon e Winnicott por responderem melhor as nossas hipóteses de trabalho, visto que eles encaram a “birra” ou a indisciplina no ambiente da Creche na idade dos três aos seis anos como uma fase importante do desenvolvimento da criança. Nesse aspecto, introduzimos a psicologia no campo da educação a fim de compreender a situação que está posta, sem tanto determinismo ou rotulação, o que é uma prática frequente nas instituições de ensino, para a utilização de técnicas e teorias que favoreçam o desenvolvimento da criança que está vivenciando esse momento.

Os estudos de Wallon propõe a psicogenética, o que refere-se à compreensão da criança como uma “pessoa completa”, constituída a partir de três campos funcionais em que se distribui a atividade infantil: a dimensão afetiva, a cognitiva e a motora, o que significava um estudo da criança contextualizada, olhando dessa forma, de uma maneira única para essa fase do desenvolvimento que é a infância (GALVÃO, 1995). Uma questão interessante na teoria deste autor, é o que ele discute sobre o desenvolvimento,

que para ele é descontínuo e assistemático. Ou seja, no processo de desenvolvimento infantil a criança passa por vários momentos de “crises”, reviravoltas, rupturas, que na medida que caracterizam-se como experiências dolorosas, são cruciais para o *infante*.

Com base nessa perspectiva, podemos também observar em suas pesquisas que o autor trata das crises no desenvolvimento como propulsores e que deveriam receber uma maior atenção. Uma das grandes crises e a que será trabalhada nessa pesquisa é do personalismo que ocorre normalmente em crianças dos três aos seis anos de idade. Segundo o autor, essa fase é cercada pela tarefa central da formação da personalidade e com isso há um retorno das relações afetivas, contudo, a afetividade nessa fase é diferente, pois, houve já a incorporação dos recursos intelectuais. Nesse momento, é comumente presente comportamentos referentes ao momento em que a criança começa a se diferenciar de tudo que dela participa e por isso pode ocorrer também as “birras”, e o que muitas vezes não é compreendido pelos adultos, principalmente no ambiente escolar.

Winnicott (1988) propõe então, outra perspectiva sobre a agressividade, que não é negativa. A agressividade faz parte da subjetividade humana, e é importante para proteger a si próprio. O bebê carrega uma grande capacidade para a destruição, portanto eles experienciam os sentimentos amor e ódio, que fazem parte desta construção do eu. Nesse aspecto, a criança ao ir se diferenciando do outro, vai passando a resistir à frustração, e a birra evidencia essa separação. No contexto de educação infantil, o educador passa então a receber os investimentos destrutivos da criança, e o que fazer com eles pode ser um desafio doloroso e desgastante para o educador (LUZ, 2008).

Winnicott, apesar do autor não especificar uma idade para explicar o momento de agressividade expressa pela criança, ele explana que essa fase exprime uma esperança, a de ser amada e compreendida, e que em resposta as manifestações agressivas há uma necessidade de acolhimento, no entanto, a resposta de um cuidador depende que possa alcançar uma adaptação adequada à realidade, levando-se em conta que ao mesmo tempo pode frustrar ou gratificar (LUZ, 2008).

Para *Winnicott* (1994)

Em resumo, a agressão tem dois significados. Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação a frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo (p.97).

Conhecer esses significados permite o educador e os pais, a entenderem o que pode estar se passando a criança, e propor reflexões sobre a origem desse comportamento sobre seu desenvolvimento infantil. A agressividade ou a birra, neste sentido passam a ser uma forma de comunicação da criança, que ainda não conseguiu

palavras para nomear os seus sentimentos. Ela possui tamanha energia psíquica dentro dela, um turbilhão de sentimentos até então desconhecidos que precisa “controlá-los”, como o manejo dessas emoções são aprendidas no decorrer do nosso desenvolvimento, qualquer situação que pareça fornecer perigo a criança, a agressividade pode vir a tona.

Nesse contexto, é possível refletir sobre uma necessidade de equilibrar as intervenções frente às birras para que haja um desenvolvimento exitoso na capacidade criativa e da fantasia, o que é essencial no adulto sadio, ainda segundo *Winnicott* (1988). Já para *Wallon* apud Galvão (1995) é preciso auxiliar a criança na passagem desse momento de crise para que assim, favoreça a diferenciação da criança e de quem cuida dela.

Com o turbilhão de energia psíquica, o brincar e até mesmo as produções inconscientes como o sonhar, ajudam a dar um direcionamento à tamanha carga. Nas brincadeiras, através do fantasiar a criança pode trazer à consciência, toda a destruição que ela carrega consigo. *Winnicott* (1994) argumenta que a brincadeira habilita a criança a experimentar sua íntima realidade psíquica, que é constituinte para a formação da sua identidade psíquica, o seu eu.

Na assistência infantil verificamos que as crianças tendem a amar a coisa que agredem. A agressão faz parte integrante da vida da criança e a pergunta é: de que maneira o seu filho encontrará um método para dominar essas forças agressivas, colocando-as a serviço da tarefa de viver, amar, brincar e, finalmente, trabalhar? (WINNICOTT, 1994, p. 269).

No que condiz as entrevistas e observações realizadas na Creche do Município do Paulista, pôde-se perceber que todas as educadoras que participaram da pesquisa e a auxiliar de sala veem a birra das crianças como algo normal, e a diferenciam da agressividade, no entanto não veem nenhuma dessas manifestações como positiva. Eles acreditam que esses dois fenômenos são provenientes da falta de limites que não é trabalhada em casa e na creche quando cobrada, resulta nesses aspectos. Ao perguntado se há alguma situação em que a agressividade pode ser positiva, a educadora (E1) entrevistada responde: “Acho que não hein! Ela é positiva? Já vem dizendo pelo nome, agressividade não é boa não!”. Este discurso evidencia a ausência de conhecimento sobre a agressividade no tempo da infância e sua importância. Não queremos aqui, julgar as práticas profissionais, mais ao contrário, detectar o que há de defasagem principalmente no que diz respeito, na formação desses educadores que deve ser continuada e que precisa ajudá-los a lidar com as demandas mais urgentes que eles vivenciam no cotidiano escolar.

Com relação à forma como cada professora lida com a birra e a agressividade podemos destacar o tradicionalismo da educação, que segue um rigor de punição sem

levar em consideração os aspectos tratados por *Wallon* e *Winnicott*. Contudo, não foram considerados na pesquisa os aspectos negativos ou positivos desses atos, mas da relevância das teorias que abarcam esses comportamentos, visto que, na educação ainda é levado em consideração muito mais os aspectos cognitivos do que os afetivos. Embora alterações sobre isso estejam acontecendo o que é extremamente importante, a educação emocional.

Alguns momentos da observação foram importantes, no aspecto de lidar com a agressividade nas crianças. Um garotinho de quatro anos, no momento da interação com a turma, pede a educadora (E2) de forma incessante a boneca. A mesma diz não a ele, e que não era momento de brincar com a boneca, a criança então começa a gritar alto e começa a empurrar os colegas, a educadora e auxiliar de sala separam e brigam com o mesmo. Após um tempo, ele vai onde fica os bonecos e pega o que tanto queria, sem a educadora ver. Passado um tempo, ela pega a boneca de volta dele, o que gera nele muita raiva, começa então a bater na educadora e quebra seu colar. Após quebrar seu colar, o garotinho sai dos braços da educadora, já que ela tentava o conter, fora os gritos e o nítido desgaste dela em relação a esse garoto, tido como um dos mais “agressivos” da turma. Ele não recebe nenhuma palavra sobre o que fez com a educadora, o bater nela. Não recebe frustração sobre os seus atos. Ao perguntado sobre como lidam com os comportamentos agressivos nas crianças, as educadoras (E1, E2, E3) relatam que “mando pedir desculpas, quando não querem fazer isso, vão pra cadeira do pensar”. Não há fórmula mágica para lidar com o comportamento agressivo, mas é importante que nas intervenções a palavra medie as ações, já que a criança está aprendendo a lidar com seus impulsos. O que não é dito pela educadora nos momentos de agressividade das crianças. Com isso, podemos refletir também sobre os discursos das educadoras, que explicitam o não saber como lidar com a criança que age de forma agressiva, uma grande problemática, pois não há um direcionamento de uma capacitação ou formação de educadores que viabilizem essa discussão, o que se torna imprescindível para a convivência de educadores e crianças, como é referido na Lei 9.394/96, no artigo 61 inciso 1º e no artigo 62 inciso 1º. Visto que, dentro desses aspectos, é necessária uma formação que problematize as intervenções pedagógicas, e que discuta teorias que permitam uma ampliação do sentido da agressividade no tempo da infância, que não no campo da negatividade e o da violência. Sobre a diferenciação da agressividade e da violência, Santos (2002) coloca que,

A etimologia da palavra agressão é *ad gradior* = mover-se para adiante assim como regressão indica o movimento para trás. A violência (visbia, hybris, dynamis) é a agressão destrutiva que busca

aniquilar, desintegrar. Nem toda agressividade é violência, mas toda violência é, sim, agressividade (p. 189).

Nesse aspecto, o discurso das educadoras foram todos equivalentes sobre a ausência de capacitações e de formações sobre o desenvolvimento da criança. Explicitaram que as formações são semestrais, ou anuais, mas no campo da pedagogia do ensino, “não falam sobre essas coisas, como por exemplo lidar com a agressividade, e é dessas coisas que precisamos conhecer, até pra ajudar nosso trabalho com as crianças”. Isso retrata a dificuldade dos educadores, no lidar com tais demandas e problematiza a importância de cada vez mais, estudar o tempo da infância e seus fenômenos, que aparentam ser gerais, mais são singulares de cada criança e contexto. A tarefa das instituições que estão responsáveis pela educação das crianças, é a de torná-las capazes de se relacionar com ou outros, de reconhecer os limites sociais impostos, no que diz respeito aos seus desejos e impulsos, que não deve ser mediado diante gritos, e até mesmo algum tipo de violência em relação à criança.

CONCLUSÃO

A infância é um tempo importante na vida de um sujeito, pois evidencia a sua constituição subjetiva. A partir da relação com as figuras parentais e de quem ocupa as funções materna e paterna, o eu da criança vai se constituindo. Dialogando com Wallon, o estágio do personalismo põe em evidência as rupturas que ocorrem na primeira infância, e põe em xeque, fenômenos como a birra e agressividade. Na tentativa de se separar do outro de quem cuidou do bebê, surge a birra e agressividade. A birra é acompanhada de sentimentos de posse da criança com alguma pessoa ou objeto, e explicita momentos de choros inesperados e uma resistência da criança à frustração. A agressividade geralmente está direcionada a outrem, que geralmente é aquele que cuida por muito tempo da criança, ou que está junto a ela. Surge aí o conceito que *Winnicott*, bastante explora, a ambivalência amor e ódio.

Entender que a criança vivencia esses momentos como algo importante para o seu desenvolvimento e que esses fenômenos são naturais e até saudáveis, é um aspecto a ser discutido entre os educadores. Confusões são feitas pelos sujeitos e até pelos educadores, sobre o contexto de vulnerabilidade social, que a criança encontra-se imersa. É verdade e às vezes nítido, que a criança vivencia muitas vezes em casa, situações de violência seja ela de qualquer ordem, e até negligência, o que faz marcas nela tanto físicas, quanto subjetivas, não podemos omitir isto. Mas temos que ser muito cuidadosos em afirmar que a agressividade infantil, está relacionada com violência

Devemos ir ao contrário da rotulação, o que muitas vezes acaba ocorrendo no ambiente das escolas e creches. E que às vezes não é proposital, mas o fato de não saber lidar, a estranheza do fenômeno acaba gerando estes sentimentos no educador e profissionais de forma geral. A criança é vista como “a problemática, a agressiva”. É importante dar-se um outro olhar para esta criança que encontra-se em desenvolvimento. É válido dar um outro nome, um acolhimento e suportar os investimentos destrutivos dela, o que Winnicott aborda ao falar sobre a temática. Se no ambiente escolar é “reforçado” o que a criança ouve em casa, falamos de uma aniquilação subjetiva tamanha, que só saberemos as consequências mais adiante. Como o autor referendado acima problematiza no seu livro privação e delinquência (1994). A delinquência é um sinal de esperança já dizia o autor.

Com base nas observações realizadas na creche, podemos perceber que a birra e a agressividade são distintas e diferentes, mas que esta última é tida como negativa. Cabe ressaltar, a importância de capacitações e formações continuadas para os educadores de educação infantil, sobre as temáticas urgentes, com as quais lidam diariamente, para auxiliar tanto o profissional evitando um desgaste emocional, físico e da criança propiciando a ela, melhoras propostas de acolhimento. Além de propor aos educadores um espaço de escuta para falarem sobre o seu fazer na educação com crianças. Uma escuta além do dizer, do que deve ou não fazer, mas de cuidado com este profissional, para que ele possa cuidar também das crianças.

REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, Noberto M. **A psicanálise depois de Freud**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BRASIL. **LEI 9.394/96**. Lei de diretrizes e bases. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 20/09/2018.

DYNIWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. 2. Ed. São caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 4. ed. Rj: Vozes, 1995. 133 p.

LUZ, Iza Rodrigues da. **Agressividade na primeira infância: um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente familiar e na creche**. São Paulo, Cortez, 2008.

SANTOS, M. C. C. L. Raízes da violência na criança e danos psíquicos. In: WESTPHAL, M.F. (Org). **Violência e criança**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, p. 189-204.

WINNICOTT, DONALD. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, DONALD. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, DONALD. Privação e delinquência. 2. Ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.